



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

INSTITUTO DE GEOCIENCIAS - IG

HABILITAÇÃO: BACHAREL EM GEOGRAFIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**TEMA: Considerações Sobre o Método Geográfico a partir da Perspectiva
Marxista**

ALUNO: PEDRO JOSÉ VON ZUBEN FANTINATTI

Campinas-SP

2015



PEDRO JOSÉ VON ZUBEN FANTINATTI RA:072089

TEMA:

**Considerações Sobre o Método Geográfico a partir da Perspectiva
Marxista**

**Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em
Geografia.**

Orientador: Prof. Dr. MAURÍCIO COMPIANI

Agradecimentos:

Agradeço este trabalho a todos os trabalhadores que direta e indiretamente contribuíram para sua produção. Ao professor Maurício Compiani pela orientação, aos colegas e companheiros que me ajudaram nestes longos anos, especialmente a Joice Durello, Janis, Joplin e Sofia, e principalmente ao FNM (Forúm nacional de Monitores) do NEP 13 de Maio e ao Grupo de Estudos do Coletivo de Educação Popular Jacuba, pela oportunidade e contribuição.

Campinas-SP

2015

1. Introdução.....	p. 4
2. Princípios de determinação.....	p. 7
2.1. O materialismo como pressuposto.....	p. 7
2.2. O objeto de estudo.....	p. 8
2.3. O ser humano como fazedor de espaço, o sujeito geográfico....	p. 13
2.4. O sujeito histórico.....	p. 16
2.5 A abordagem do pensamento geográfico.....	p. 19
2.5.1 O processo de especificidade:.....	p. 19
2.5.2 A importância da abordagem espacial.....	p. 19
2.5.3 Elementos da Geografia.....	p. 22
3. Princípios lógicos da Metodologia: Lógica Formal e Lógica Dialética.....	p.24
3.1 Princípios da lógica Formal.....	p.25
3.2 Princípios da lógica Dialética.....	p.26
4. O método geográfico.....	p.29
4.1. Considerações sobre o método geográfico.....	p. 29
4.2. O idealismo no método geográfico.....	p.34
4.3 A lógica formal no método geográfico.....	p.36
4.4 A fragmentação e o eclecismo.....	p.37
4.5 O materialismo histórico dialético.....	p.37
4.6 Considerações sobre categorias comuns a geografia.....	p.44
4.7 O espaço e as classes sociais.....	p.46
4.8 A aplicação do método marxista aos aspectos naturais.....	p.48
5. Ensaio sobre uma proposta de método.....	p.49
6. Considerações finais.....	p.50
7. Referencial Bibliográfico.....	p.52



“Nada é impossível de mudar
Desconfiai do mais trivial, na aparência singela.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de
hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem
sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade
consciente, de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural nada deve parecer
impossível de mudar”. Bertolt Brecht.

1. Introdução.

Este trabalho visa trazer considerações e reflexões sobre a metodologia da ciência geográfica por meio da perspectiva do pensamento marxista. Procurando as mediações teóricas para demonstrar a importância da escolha metodológica para com a ciência, por meio do levantamento de conceitos e categorias usados na geografia e como estes podem ser afetados na aplicação dos diferentes métodos, principalmente quando sobre a lógica coerente a abordagem marxista da realidade.

A complexidade da proposta dificulta este trabalho, somado a isto é preciso ficar atento às insuficiências teóricas e de pesquisa minhas, por isto procuro ao longo do trabalho proporcionar as explicações necessárias a cada etapa da exposição.

Na primeira parte do trabalho desenvolvo teoricamente os pressupostos utilizados na análise da temática, dediquei uma boa parte do trabalho a este momento, pois considero estes princípios de complexo entendimento e fundamentais para a compreensão das conclusões e propostas que se seguem. Na segunda parte trago por fim as considerações, e as implicações da abordagem marxista sobre o pensamento do método geográfico, a construção das etapas metodológicas, acompanhado de reflexões de apoio ao entendimento, e encerro com um ensaio de proposta metodológica.

Proponho com isto, iniciar tais considerações observando o fato de que o conhecimento humano é tão amplo quanto as diferentes culturas, grande em quantidade e qualidade. Quando elegemos o método científico geográfico como objeto de estudo, estamos nos concentrando no “como” conhecemos os objetos compreendidos como geográficos ou abordados pelo viés geográfico,



isto nos leva a uma reflexão para além da forma de conhecer, para uma reflexão que se aprofunda no processo do conhecer geográfico.

Os diferentes debates surgidos na história do pensamento geográfico têm relação profunda com os conflitos oriundos da filosofia e da história contemporânea e são partes importantes de nossa análise, mas como não é a proposta produzir uma história do pensamento geográfico com foco no método e sim, confrontar as diferentes perspectivas e a partir de então extrair a síntese, optamos por iniciar discutindo os principais pressupostos do método usado como referência para realização de nossa singela crítica.

Tal medida se faz necessária por múltiplos aspectos, primeiro, a história do pensamento não é linear e deve ser levada em consideração sua manifestação espacial que vai se desenvolver em tempos diferentes nas diferentes partes do globo, ocasionando debates sobre perspectivas supostamente superadas como, por exemplo, a geografia *descritiva* versus a geografia *crítica*. Segundo, não faz parte da proposta apresentar uma gama dos diferentes pensamentos, e sim selecionar de acordo com o conceito de *significantes*, entendido como algumas perspectivas que servem de parâmetros e contrastes no campo das ideias para a compreensão do método que será exposto neste trabalho e suas contribuições para o pensamento geográfico. Terceiro que, no campo do pensamento marxista há muitas distorções por demais prejudiciais para compreensão do mesmo e se prestando aos ataques dos críticos do marxismo, produzindo a necessidade deste modo, de iniciarmos o trabalho explanando e desenvolvendo tal perspectiva para uma melhor apreensão das ideias apresentadas. Muitos ditos marxistas não conhecem o próprio Marx, fazendo uma leitura de suas obras sem uma perspectiva sobre a lógica dialética ou mesmo sobre o axioma do materialismo.

E, por último, em função da atual defensiva teórica em que se encontram tanto os intelectuais marxistas (inclusive com abandono da perspectiva) como a classe proletária em geral, a possibilidade de proporcionar contato com os pressupostos marxistas se tornou restrita ou mesmo desconhecida (mesmo que se negue) por uma parte significativa da comunidade acadêmica, impedindo que estes mesmos possam produzir suas próprias reflexões e críticas.



Lembramos ainda que é importante diferenciar o método de pesquisa para com o método de exposição, em que o próprio Marx nos alerta *“É mister, sem dúvida, distinguir formalmente o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho e que se pode descrever adequadamente o movimento do real.”*(Marx, 26:1996).

Na pesquisa se trabalha no levantamento das informações, na busca das fontes, a comparação, a análise, a reflexão e captar as relações entre os elementos, posteriormente é feito a organização e a adequação das ideias coletadas e desenvolvidas da teoria para a exposição.

Portanto o que se segue é o esforço de organização e adequação do tema abordado, da exposição dos conceitos utilizados e das consequentes conclusões.

Podemos entender melhor esta diferenciação com o auxílio de Iray Carone, nas suas considerações sobre o estudo do O Capital e a dialética Marxista:

“É muito importante observar tal diferença. O método de pesquisa é a investigação de ordem empírica, a coleta dos dados, a sua classificação, o conjunto de técnicas e procedimentos adequados à apropriação analítica do material empírico - é preciso não esquecer que Marx escolheu a Inglaterra, entre outras razões, porque nela o levantamento estatístico a respeito da situação dos trabalhadores nas fábricas era menos precário que na Alemanha e demais países da Europa Ocidental. O método de exposição é a reconstrução racional e teórica da realidade pesquisada, mas a exposição só é possível a posteriori da pesquisa empírica. Ou seja, o fato de a pesquisa empírica preceder a exposição teórica mostra que O Capital não pretende ser urna construção apriorista e escolástica - embora possa até se assemelhar à especulação metafísica, sob o ponto de vista meramente formal . Pelo seu caráter analítico e altamente abstrato, o capítulo primeiro de O Capital carrega consigo todas as dificuldades da exposição teórica que tenta espelhar, pelo avesso, a realidade da mercadoria “ (Carone, 23:2007).

Com estas considerações feitas esperamos demonstrar a importância da reflexão crítica sobre o aspecto metodológico para o trabalho de pesquisa científica. Procuro destacar as consequências e os motivos da adesão a



determinados métodos, a relação entre filosofia e geografia, entre uma determinada concepção de mundo e a ciência geográfica, a maneira como o materialismo dialético define os elementos essenciais do método geográfico e como o marxismo aborda o espaço geográfico.

2. Princípios de determinação:

2.1 O materialismo como pressuposto

Os estudos sobre o planeta Terra e a biosfera nos oferece uma imensa quantidade de provas da antecedência da matéria sobre o humano, portanto, anterioridade sobre o pensamento, sendo o pensamento uma ferramenta para e fruto do trabalho e por este aperfeiçoado. Ao pesquisarmos sobre a práxis se evidencia a relação pensamento/atividade, pois o trabalho humano é uma antecipação mental do produto final¹, antecipação esta que serve como guia para sua construção, mas não serve como satisfação imediata da necessidade, é preciso a efetivação do produto a ser consumido, o pensamento precisa se concretizar pela ação prática. Esta antecipação mental proporcionada pelo trabalho é um dos motivos que leva muitos pensadores a concluir que a ideia antecede a matéria.

Contudo o caminho que proporcionou esta capacidade humana foi o inverso. Foi à atividade prática que propiciou a teoria, ou seja, é a matéria que antecede a ideia. O que não impede que posteriormente o trabalho mental possa construir abstratamente uma nova prática, porém a *eficiência*² do material em uso é um atributo oriundo do objeto manipulado revelado pela prática, ainda que seja o ser humano o sujeito que nomeia e classifica os atributos, a ação subjetiva não constrói o atributo, ela a descobre e possivelmente o aperfeiçoa. A propriedade de cortar já esta na pedra lascada o ser humano reconhece isto e busca imitar este aspecto, controlá-lo e por fim, após muita insistência, procura melhorá-lo.

¹ Marx, Karl. O Capital - Capítulo V. O processo do trabalho será desenvolvido em nosso item **2.3 O ser humano como fazedor de espaço**.

² Fischer, Ernest. A Necessidade da Arte. "A eficiência é mais antiga do que o propósito; a mão é uma descobridora há mais tempo do que o cérebro."(p.29)



Todo este desenvolvimento humano tem por motivação a satisfação de suas necessidades básicas materiais, é necessário comer, dormir, morar, vestir e reproduzir para que este possa existir e continuar a existir, o primeiro condicionamento humano é o material.

Podemos pensar o desenvolvimento de uma criança similar ao desenvolvimento da própria humanidade: as mãos, os olhos, o cérebro e todo o organismo como condição para o trabalho e o pensamento, a separação abstrata de concepção e execução, vai coincidir com o processo histórico de divisão social do trabalho, associado ao nascimento das classes sociais, o que pode levar ao equívoco de conceber que a consciência precede e determina o ser, sendo que se trata do contrário, a existência é condição para o pensamento, “existo, logo penso” (Nietzsche).

2.2. O objeto de estudo.

Para iniciar as reflexões sobre o método em geografia e seus pressupostos, entendo que se deve partir apresentando uma análise sobre o objeto deste campo da ciência, que por si só traz muita polêmica. Mas, antes de entrar nelas, vou como sugerido, situar a definição, que em si não representa novidade na geografia. Trata-se do espaço, do espaço concreto, pois muitas outras definições são, a nosso ver, derivações desta premissa, as divergências como veremos são fruto da ignorância, menosprezo ou equívocos sobre o pensamento filosófico, base de toda ciência.

Assim, é de se supor que farei uso dos conceitos filosóficos e de outras disciplinas indiscriminadamente, assim como entendo que deva ser, pois os diferentes campos da ciência são parte do mesmo conjunto que trata o conhecimento humano. Feito estas considerações passo novamente a reflexão sobre o objeto de estudo.

Não há nenhum objeto de estudo que não ocupe espaço, mesmo que seja no campo das ideias, das abstrações, pois se encontra no “campo”, espaço das ideias, dentro da organização do pensamento humano, portanto situado no humano. Tudo que existe está dentro do Universo, mesmo se este



possuir uma extensão infinita, ainda assim haverá uma localização mesmo que desconhecida.

Toda parte constituinte do espaço carrega em si mesma uma particularidade, uma singularidade e, o comum, ou seja, o geral. A particularidade são os atributos que ocorrem em algumas partes, mas não em todas, já a singularidade somente ocorre em uma única parte, logo, o geral, é aquele atributo que ocorre em todas as partes. Daí que o primeiro “olhar” geográfico deve levar em consideração tanto as particularidades quanto as generalidades.

O espaço da forma como abordamos se diferencia do espaço absoluto de Kant como conhecimento *a priori* do sujeito, pois se é verdade que o objeto real antecede o sujeito, não é verdade que o espaço anteceda a matéria do objeto. O espaço sem a matéria existe apenas enquanto abstração, o espaço é um atributo fundamental da matéria, mas o é apenas como abstração. Como na afirmação de Woods e Grant: “A matéria sem espaço é o mesmo que o espaço sem a matéria. O que estamos considerando é uma determinada relação entre ambos. Espaço e matéria são opostos que se pressupõem, se definem e se limitam reciprocamente e que não podem existir um sem o outro.” (Woods e Grant, 2007:162). Pode-se fazer uma objeção afirmando que a matéria em geral é uma abstração, mas esta é a maneira de proceder do sujeito cognoscente, que abstrai o real, que pensa para poder conhecê-lo. Mas a forma de conhecer não é a gênese do real, o universo existe concretamente feito de matéria independente das abstrações do sujeito pensante, caso contrário, cairíamos no idealismo subjetivista, como bem expresso no poema de Fernando Pessoa em seu pseudônimo Alberto Caeiro:

“O Universo não é uma ideia minha.
A minha ideia de Universo é que é uma ideia minha.
A noite não anoitece pelos meus olhos,
A minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos.
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos
A noite anoitece concretamente
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso”



É exatamente da matéria genérica que se constitui o universo, e apesar de sua distribuição desigual e estados variados não há nada no universo em isolamento absoluto, mesmo a energia que atravessa o espaço é apenas a matéria em outra forma, ligando todas as coisas, assim como uma das teorias de Einstein³ demonstra.

Tudo que existe ocupa espaço, esta relacionado a alguma materialidade, sendo assim se refere a um **ser concreto**⁴, não apenas ao **ser**, e como toda materialidade carrega em si contradições, a unidade de elementos diversos, que se completam e se excluem, da mesma forma por dedução⁵, podemos aplicar a mesma lógica ao espaço e denominá-lo como *espaço concreto*.

O espaço concreto é assim como a matéria a “síntese de múltiplas determinações” (Marx) é o espaço inseparado de seus elementos, é a própria matéria enquanto fenômeno, como *totalidade*.

A totalidade do espaço não significa que se trata simplesmente de um conjunto. Um conjunto pode ser aleatório e abstrato, já o espaço é uma unicidade, a unidade da diversidade do real, portanto sua divisão em partes se dá somente de forma abstrata. A totalidade é o princípio;

“A dialética da totalidade não é um método que pretenda ingenuamente conhecer *todos* os aspectos da realidade, sem exceções, e oferecer um quadro “total” da realidade, na infinidade dos seus aspectos e propriedades; é uma teoria da realidade e do conhecimento que dela se tem como realidade. A totalidade não é um método para captar e exaurir *todos* os aspectos, caracteres, propriedade, relações e processos da realidade; é a teoria da realidade como totalidade concreta”. (Kosik, 2002:44).

Contudo, é necessário destacar ainda a relação entre a aparência e a essência, caso contrário como explicar tamanha diversidade de abordagens

³ $E=Mc^2$

⁴ Ao ser tudo convém, pois tudo pode ser, assim como nada pode ser. Se abstraímos tudo da existência do ser ele ainda permanece, mas apenas como abstração como nada, levando o pensamento há uma contradição, em se tratando de um pensamento real, de um pensamento concreto. Para deixar o pensamento de ser apenas pensamento, ele deve se voltar ao real. A matéria, que existe em união de elementos diversos e em oposição, e uma contradição viva, como ser concreto, que é e não é, que coincide com o pensamento concreto que também é contraditório.

⁵ O método que vai do geral ao particular.



sobre o real e sobre o espaço? Se o real permitisse de imediato conhecê-lo, não seria necessária a ciência nem a filosofia. Porém, se não houver nenhuma relação entre a aparência e a essência, não poderia esta última ser conhecida através do fenômeno ou objeto, teríamos que, assim como a metafísica e o misticismo, procurar a essência para além do ser, não é esta minha abordagem. Assim, a aparência não é ilusão, ilusão é o efeito da aparência sobre os nossos sentidos, a aparência é a superficialidade do ser é uma parcialidade que se expressa como sendo todo o ser.

A aparência é um aspecto do real que na maioria das vezes esconde a essência, ou distorce, por isto é necessário um esforço teórico e prático para superar a aparência sem perder sua conexão com a essência.

Portanto, o trabalho descritivo em geografia não é errado, mas incompleto, corre o risco de se realizar um estudo apenas da forma. Porém, a própria geomorfologia, um das disciplinas da geografia, demonstra em seus estudos que as formas do relevo não podem ser explicadas, sem levar em conta os climas pretéritos, ou seja, o passado e também sua formação estrutural, pois a estrutura pode ser entendida como o conteúdo da forma, e a forma ou aparência como produto final do processo de relação de forças climáticas e geológicas.

Com isto, não podemos manter uma análise apenas na aparência do espaço, e não é sua aparência o que tratamos como *espaço concreto* e sim o espaço real, e o espaço real é o espaço em sua totalidade, em seus diversos elementos que se desenvolvem como um organismo vivo, porém mais complexo, pois é espaço habitado e produzido pelos seres humanos.

Como nos explica Lefebvre:

“Produto que se utiliza, que se consome, ele é também meio de produção; redes de trocas, fluxo de matérias-primas e de energias que recortam o espaço e são por ele determinados. Este meio de produção, produzido como tal, não pode se separar nem das forças produtivas, das técnicas e do saber, nem da divisão do trabalho social, que o modela, nem da natureza, nem do Estado e das superestruturas.” (Lefebvre, 2006:75)

Uma objeção pode ser feita em relação ao espaço pensado ou abstraído, ou ainda espaço ideia, espaço enquanto conceito. Para tal, basta lembrar que a localização desta forma de espaço está no humano, pois até



hoje não foi concebido nenhum pensamento ou abstração sem cérebro e este necessita além de tudo, de um corpo, alimentação, moradia e outras necessidades muitas, como arte e lazer.

O objeto da geografia é o espaço concreto habitado e de atuação humana.

Com o que já foi afirmado, é possível sintetizar que o primeiro pressuposto é a determinação material, as condições materiais. O segundo pressuposto se relaciona ao fato de que toda a matéria ocupa espaço, não somente o espaço que a matéria ocupa no universo, mas como se organiza, se localiza, se transforma e se relaciona no mesmo. O pressuposto material leva ao pressuposto espacial.

Já o terceiro pressuposto é que a reflexão sobre o espaço é localizada no humano, mais especificamente na parcela da ciência que se dedica a este pensamento, e esta reflexão, fruto da produção do espaço pela sociedade. Por isto, podemos concluir que o objeto de estudo, ganha, na reflexão da matéria como princípio, mais atribuições, o *espaço concreto humano*, aqui cabe ainda uma importante consideração, não quero com esta definição eliminar a geografia dita física, pois como será abordado posteriormente não há uma separação concreta entre humanidade e natureza, ambas são objeto da reflexão humana e também da ação humana, o fato de se usar essa distinção se refere ao aspecto histórico da ciência geográfica, que inclusive pode vir a ser superada.

Este espaço concreto humano, foi e é produzido pelo humano, foi concebido por todas as gerações anteriores, produzindo a base material da atual geração que também está sendo construído no presente.

Esta ênfase no sujeito se faz necessária para trazer em evidência o sujeito histórico, o ser humano, que tem como atributo ser um ser social, pois a produção do espaço não se faz por indivíduos isolados, o que nos permite acrescentar o social a nossa definição de objeto de estudo, ficando, deste modo, o *espaço concreto humano social*, afinal, não há sociedade que não ocupe um espaço. E os recursos existentes neste serão alvo de interesse da sociedade, mas como é pressuposto que o ser humano seja um animal social e que a produção e a reflexão sejam localizadas no humano, podemos fazer uso,



posterior às considerações, do conceito de espaço simplesmente como sendo nosso objeto, abstraído dos pressupostos.

2.3 O ser humano como fazedor de espaço, o sujeito geográfico.

Para satisfazer suas necessidades os seres humanos não retiram diretamente da natureza (como produto pronto) os produtos para imediato consumo. Ainda que o fizesse, por muito tempo e se assim permanecesse, nos manteríamos apenas no gênero primata e não evoluiríamos para o gênero *homo*. O que propiciou esta transformação foi a capacidade de, ao invés de simplesmente se adaptar ao meio ambiente, estes passaram a adaptá-lo para as suas necessidades, alterando sua relação com a natureza, passando a mediatizar⁶ seu consumo pelo trabalho, ou seja, se desenvolveu um processo em que parte de sua energia metabólica foi concentrada numa tarefa anterior às necessidades básicas de sobrevivência⁷ para a produção de um produto final. Tal atividade é o trabalho e seu resultado é dependente de múltiplas determinações, entre estas destacaremos duas. Uma se relaciona a abundância de matéria-prima, esta, como é conhecida, possui uma distribuição desigual no globo, escassez e abundância de árvores por exemplo. Estas são necessárias para a construção de canoas, sem elas não há canoas, não condicionando somente o produto, condicionando também a cultura, pois não se pode manipular e conhecer a madeira na ausência da mesma. Lembremos que nos primórdios da humanidade o isolamento entre povos era predominante e tal superação limitada pelo desenvolvimento material da sociedade em geral.

O outro aspecto se relaciona ao sujeito⁸, a forma de fazer vai variar entre os povos e esta depende do histórico de cada povo, portanto sua cultura. Assim, há uma profunda relação entre o humano e a natureza, afinal, os seres humanos são apenas uma particularidade da natureza e ao mesmo tempo também são natureza, a separação entre estes é apenas abstrata, não há

⁶ Relação processual entre sujeito e objeto.

⁷ Alimentação, reprodução, sono e abrigo.

⁸ Sujeito genérico, não na perspectiva liberal de indivíduo, pois as primeiras sociedades humanas viviam intensamente a vida grupal, ver a respeito em Engels, "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado."



desenvolvimento de um sem o outro, assim a história humana só pode nascer dentro de certas condições geográficas⁹.

Da junção destas duas determinações, condições materiais da natureza e as condições humanas é que Marx conceitua como força material. Ao observá-las podemos perceber claramente esta determinação *material*, pois se trata de seres humanos concretos como são e não extraídos de qualquer essência “*a priori*”. A essência humana é o trabalho, que foi possível com a condição humana, os seres humanos tiveram de se fazer humanos pelo trabalho, mas para tal precisavam já ter as condições, o que pode nos levar há um dilema: quem vem primeiro o humano ou o trabalho?

Aparentemente, se indico que é o trabalho que antecede o humano, entrarei em contradição com o que afirmei há pouco, e isto não seria problema se esta contradição estivesse dentro de um conjunto coerente que descreve o movimento real, em que ao se negar se aprofunda na análise. Mas não se trata disto, discuti anteriormente que não há uma essência prévia e que a essência é o trabalho, não há contradição aqui se entendermos que a capacidade do trabalho também é fruto de um processo, mas não de qualquer processo, e sim de um processo prático, que vai ter como resultado a práxis, portanto, a resposta para o dilema é nenhum, pois os dois são resultados do movimento de interação entre o humano e o natural, mas o natural antecede o humano, assim como o humano é antecedido pelo pré-humano¹⁰ que realizava o pré-trabalho. Na transição do primata para o humano houve momentos de avanço e recuo, produto de uma atividade prática que insidia sobre a atividade mental, até o ponto de antecipar o produto da atividade em sua própria mente, tendo como resultado o trabalho, e se fez humanidade.

“Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento,

⁹ Vamos listar algumas apenas como exemplo, abundância de água, substituição da floresta por savana liberando as mãos, abundância de plantas e animais.

¹⁰ Apesar disto ainda espantar os humanos, cristão ou não.



sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.” (Marx, 1988:142).

O ser humano se fez como tal, enquanto totalidade, como um organismo vivo e complexo. O que impede o pensamento de captar esta solução é a lógica formal, que têm predomínio histórico sobre a ciência. Mas, apesar desta limitação, precisamos nos esforçar para superar o pensamento fixo e captar o movimento do real, e é disto que se trata a história humana, o movimento que leva do primata ao humano. Posteriormente aprofundaremos este problema no tópico sobre lógica dialética e nas reflexões sobre o método geográfico na perspectiva marxista.

Através do trabalho os humanos fazem sua sociedade, transformam a natureza em produtos para satisfazer suas necessidades e constroem seu espaço.

Na natureza, os diferentes materiais estão distribuídos de forma desigual, na sociedade humana o seu desenvolvimento material também se localiza de forma desigual no globo e a atual forma de sociedade intensifica como nunca o desenvolvimento material, tecnológico e científico, além de manter e ampliar as desigualdades espaciais. O Mundo se transforma numa grande fábrica e os países os diferentes departamentos do capital.

Esta desigualdade não seria um problema para a humanidade caso esta não se expressasse também na exploração de uma pequena parcela da população sobre a imensa maioria da classe trabalhadora, assim como de um país sobre outro.

As relações sociais capitalistas estão associadas ao conceito marxista conhecido como **modo de produção**, pois este não se resume apenas a técnica de produção, mas também a toda força material (tecnologia, recursos naturais e força de trabalho), as *relações sociais de produção e a manutenção e reprodução social* em seu movimento histórico.

Sendo assim, a sociedade constrói as conexões necessárias para a circulação e distribuição dos materiais, da força de trabalho e informações necessárias à produção. Constroem instalações adequadas à produção, distribuição e consumo. As mudanças na forma de produção, as mudanças tecnológicas, o desenvolvimento da força de trabalho e as novas e crescentes necessidades, pressionam por novas instalações e conexões, por uma nova



organização espacial. Porém, esta nova necessidade encontra barreira no já construído, no já existente. E o produto final espacial pode não ser exatamente aquilo projetado pelos sujeitos interessados nos novos arranjos. “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstância de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado” (Marx, 1974:335), estas circunstâncias são geográficas, fruto da luta do trabalho sobre o trabalho antigo, sobre o espaço. Sendo assim o ser humano é o sujeito que atua na produção de seu espaço, mas também não o fazem como querem, o fazem sobre determinadas condições geográficas, e ao efetivar sua produção modifica o espaço e a si mesmo. Ao produzir e ser produzido pelo espaço modifica a geografia, ao fazer o espaço se torna um sujeito geográfico.

2.4 O sujeito histórico

Retornando a ideia de sujeito, este nos é fundamental para desde já acertando uma suposta carência da teoria marxista com a subjetividade, pois, o humano é o ser ativo que constrói a sociedade e produz seu espaço, este ato não ocorre simplesmente pela ação passiva ou autônoma dos seres humanos, ainda que isto ocorra sobre opressão de uma objetividade, a história é feita concretamente pelos seres humanos que fazem a seu modo, mas como lembrando Marx, que não a fazem como querem e sim sobre condições herdadas, ou seja, em um movimento de união de contrários entre aspectos objetivos e subjetivos, que se expressa na produção do espaço como conteúdo desta contradição, mas também enquanto forma.

O pensamento que pretende captar tal processo deve nisto mesmo se concentrar no *processo*, ou seja, o movimento de transformação do objeto, assim como *os conteúdos* pertencentes ao antagonismo das forças que o contém. O processo concreto dos humanos é sua história, a geografia é o início, a transição e o resultado deste processo, é o resultado de cada momento, em diferentes momentos, em diferentes extensões, extensões no sentido amplo (diferentes escalas, distribuições e localizações), dos diferentes acontecimentos simultâneos.



Mas o fato de viver este processo não resulta necessariamente na compreensão deste, ainda que se tenha uma, sempre parcial, compreensão deste pela atividade prática produtiva, seja ela a concepção da construção do espaço (planejamento), ou seja, a efetivação desta concepção (execução), em ambos os casos a apreensão do processo é parcial. Para se aproximar de um entendimento mais amplo e totalizante da produção do espaço, do espaço em si, é necessária uma mediação teórica, que utiliza de generalizações sobre o fenômeno espacial, que ao serem construídas resultam em *conceitos* que por sua vez resulta em *categorias*¹¹, que são as ferramentas abstratas da teoria.

Porém, isto ainda não é suficiente para compreender a realidade teórica, porque a teoria é permeada de ideologia¹². É fundamental o uso dos pressupostos, das referências, dos métodos adequados para o trabalho científico, mantendo coerência com a perspectiva filosófica ao qual o sujeito aderiu.

Mas é fato também que o sujeito adere a uma filosofia mesmo sem saber, mesmo no saber comum, na sabedoria popular, o chamado senso comum, que é participante de um pensamento derivado de um sistema filosófico sem que se dê conta, uma aderência muitas vezes incoerente e bizarra, em que se podem misturar diferentes concepções sem o rigor da unidade e coerência¹³, contribuindo para sua alienação.

A alienação não é fruto apenas da dominação ideológica, esta última reforça a alienação, pois esta é o resultado da forma de produção, da relação humana com a natureza e com os outros trabalhadores, associado a uma consciência que naturaliza relações sociais e históricas e ultrageneraliza fatos¹⁴, principalmente os sociais, universaliza uma parte do real, aquela sobre a qual ele tem contato, uma perspectiva unilateral e muitas vezes presa a superficialidade do fenômeno, a sua aparência, a uma pseudoconcreticidade¹⁵.

Essas relações são, atualmente, as relações sociais capitalistas, que de forma resumida, se caracterizam pelo fato de que o trabalho da imensa maioria

¹¹ Unidade de significações.

¹² Usando o conceito de ideologia como ideias de dominação, ideias que justificam os interesses de dominação.

¹³ Ver mais sobre o assunto em Gramsci "Concepção Dialética da História"

¹⁴ Ver mais sobre o assunto em Iasi "Ensaio Sobre Consciência e Emancipação"

¹⁵ Ver mais sobre o assunto em Kosik "Dialética do Concreto".



dos trabalhadores está submetido ao funcionamento capitalista, ao intuito de valorizar o valor e conseqüentemente lucro para a classe dominante, a burguesia.

Para realizar esta valorização a burguesia explora o trabalhador, o capital domina o trabalho. O trabalhador que vende sua força de trabalho na forma de salário, o faz por não ter nada para vender, por não possuir os meios de produção. Para garantir sua vida, trabalha, mas precisa preservar sua força ao mesmo tempo em que se deixa usar, sua saúde é fundamental para assegurar sua única fonte de renda.

Para aumentar seu lucro ou mesmo mantê-lo, o capitalista precisa manter os salários baixos, e se possível até diminuí-lo sem prejudicar a continuidade da produção, melhor ainda se poder intensificar o trabalho. Para o proletário é o inverso, só melhoram suas condições se aumentar o seu salário, se diminuir seu cansaço. Esta situação pode ser compreendida se entendermos o funcionamento da mais-valia, que é a diferença entre o valor produzido pelo trabalhador e valor pago na forma de salário. O aumento desta diferença se consegue com menores salários, maiores jornadas de trabalho ou intensificação do trabalho. Longe de se tratar de uma relação harmoniosa, o interesse da classe burguesa é oposto ao da classe proletária como demonstramos a pouco, e também coloca uns contra os outros no interior das classes, os capitalistas disputam entre si por melhores e maiores mercados e lucros, já os trabalhadores disputam entre si melhores e mais rentáveis empregos e salários, “a guerra do todos contra todos” (Hobbes).

Mas os interesses de classe podem, a depender das condições históricas e políticas, minimizar os conflitos internos a uma classe, e se dedicar aos conflitos entre classes sociais antagônicas. O desfecho deste conflito, a manutenção ou transformação da ordem social, depende da combinação de elementos objetivos e subjetivos, em determinados momentos deste processo de luta um ou outro pode ser decisivo, sem perder a dependência um do outro. Todo este conflito é geografizado, é espacializado pelo sujeito, “A luta de classes, hoje mais que nunca, se lê no espaço” (Lefebvre, 2006:52), mesmo que este não saiba disto, que esteja alienado de sua produção espacial.



Ainda assim é o sujeito que faz a história de forma compreensível ou não, crítica ou não, compulsiva ou voluntária, ou na combinação afirmativa e negativa de ambos.

2.5 A abordagem do pensamento geográfico.

2.5.1 O processo de especificidade:

A existência da especificidade na ciência geográfica, assim como de todas as outras ciências, está baseada em uma divisão teórica, abstrata e histórica. Neste desenvolvimento histórico da ciência moderna, esta vai partindo de sua unidade com a filosofia e vai se dividindo em campos específicos do conhecimento, com o impulso que recebe das transformações capitalistas, que liberam o desenvolvimento material das forças produtivas, e tem na ciência um elemento fundamental para a manutenção do sistema social, esta não fica a parte da revolução burguesa, pelo contrário com já afirmado é um dos elementos essenciais, e assim submetida aos interesses burgueses, aplicada para melhorar a produção, principalmente nos aspectos quantitativos, esta concomitantemente, aumenta exponencialmente o conhecimento científico e exige maior e mais eficiente organização deste conteúdo, assim como tal a revolução da especialização de tarefas na produção fabril eleva a produtividade, da mesma forma a produção científica segue a fábrica, e avança intensamente para a criação de novos campos, cada vez mais especializados. Porém toda esta divisão esta apoiada na divisão abstrata do processo produtivo e do processo de conhecimento, ou seja, a separação é feita nos nível das ideias e posteriormente fragmentada em partes da produção, pois concretamente, são apenas partes de um mesmo todo, da produção e do conhecimento humano acumulado e desenvolvido historicamente.



2.5.2 A importância da abordagem espacial:

Assim ao estudar qualquer objeto ou fenômeno, este por existir, ocupa espaço, espaço com aspectos espaciais tanto particulares como mais gerais, e como este integrante o objeto, é necessário considerá-lo no intuito de conhecer o objeto.

Abstrair o espaço de uma análise científica, ou de uma abordagem social, ou ainda os aspectos naturais do espaço, não é em si um problema, se compreendermos o simples método de “isolar” variáveis, como se faz numa simulação em um laboratório de química, por exemplo, para se compreender melhor determinado aspecto do objeto de interesse. O problema ocorre não quando se isola, mas quando se exclui certas variáveis, principalmente quando o estudo vai ser conclusivo sobre a totalidade do fenômeno em que o espaço constitui parte da estrutura, sem esquecer que todas as variáveis atuam em conjunto, até porque não há nada isolado no universo, a não ser pela abstração, equívoco ou ignorância humana.

Este equívoco de ignorar os aspectos espaciais se explica pelo uso de referências científicas e filosóficas que influenciam esta atitude. Trata-se de um estudo sobre pressupostos incoerentes, idealistas, formais ou fragmentados.

As exceções possuem relação aos casos de estudos do campo das abstrações, ou porque o espaço já está dado como pressuposto. Analisemos os casos:

a) Espaço abstraído:

Um estudo que abstraí o espaço deve fazê-lo de maneira prevista, pois tal aspecto retira do real um de seus atributos, com intuito de se conhecer os outros, ou um entre os outros do objeto a ser conhecido com exceção do espaço. Tal medida pode ou não trazer problemas para a análise e a conclusão da pesquisa, a condição é que o isolamento de uma variável não é absoluto, o que levaria a um estudo do atributo em si mesmo, portanto ao campo das abstrações. Para estudo referente aos seres concretos as partes são isoladas abstratamente, mas analisadas em sua relação com as demais partes e com o



conjunto, ou seja, quando não se pretende ficar apenas no campo do abstrato é necessário relacionar o abstrato ao real, é necessário manter o espaço como pressuposto, caso contrário a análise ficará no campo ideal, especulativo e formal, levando ao equívoco sobre o objeto.

b) Análise a-espacial ou do espaço ausente:

A análise do espaço ausente somente é possível no campo ideal, é comum em algumas análises que se concentram nas formas, sem considerar as transições de uma forma a outra. Estas são possíveis, pois se faz uso do princípio de uma generalização espacial, em que considera o espaço o mesmo em todo tempo e localização, o que não é verdade, o espaço é e não é o mesmo, a matéria se organiza de forma desigual, e na sociedade humana ele é construído de acordo com a práxis humana, de acordo com a história tanto geral como específica de cada lugar, assim os aspectos comuns do espaço podem ser também particularidades e expressão da universalidade. Tanto o espaço singular, quanto o espaço particular e o universal, são atributos inseparáveis da matéria, e cada parcela do espaço é constituído dos três, ao mesmo tempo em que se trata apenas de um espaço único em seu conjunto, em sua totalidade, absoluto e relativo ao mesmo tempo. Aquela maneira de análise é, portanto abstrata, idealizada, e se distancia do real.

c) O equívoco da falta do espaço:

O equívoco de não considerar o espaço produz prejuízos não somente ao estudo geográfico, mas para todas as áreas, pior ainda para a geografia por ser o espaço o seu objeto, a ausência de seu objeto da análise geográfica, faz com que o estudo deixe de ser geográfico, isto não impede que o sujeito geógrafo não possa realizar pesquisas usando outros objetos, mas deixa de ser uma abordagem geográfica. Sendo cientista, pesquisador ou pensador a realidade é a mesma, é não deve haver restrições para as diferentes formas de conhecer. Mas diminuir ou anular o efeito do espaço é descartar um elemento do real, é uma compreensão deficiente do real.



d) Espaço como pressuposto:

O uso do espaço como pressuposto não se trata de anunciar este uso, e sim retirar da análise teórica, dos resultados, do método usado por determinado sujeito para conhecer, as evidências dos princípios, que vão revelar o espaço como pressuposto, ou seja, é a exposição do conteúdo da pesquisa, sua coerência e unidade é que deve ser levado em consideração.

Esta conduta não é exclusiva da geografia, deve ser usado em toda pesquisa com foco no concreto, e nos fenômenos sociais.

2.5.3 Elementos da geografia:

Em minha pesquisa e do que foi exposto até aqui é possível concluir que é a partir da abordagem espacial, da forma como analisar o espaço, que deriva os elementos da análise geográfica, muitos destes são comuns aos diferentes métodos aplicados em geografia, mas sua organização, hierarquização, conceituação e categorização vão variar com as diferentes perspectivas e com os diferentes autores que se debruçaram sobre o tema, e podemos afirmar que, até o momento que cheguei nesta pesquisa, há mais dissenso que consenso. Vamos abordar brevemente alguns deles.

Para Santos são elementos do espaço: homens, firmas, instituições, meio ecológico e infraestrutura e o mesmo autor ressalta que os elementos podem ser reduzidos uns nos outros, em outra obra¹⁶ sua ele defini como espaço geográfico que pode ser resumido em elementos fixos e fluxos, elementos de um sistema de objetos e ações. Em Moreira nos chama a atenção a análise sobre localização, distribuição e extensão.

Para auxiliar no entendimento destes elementos procurei fazer uma distinção resumida, portanto empobrecida nos termos, entre elementos concretos e instrumentos de análise espacial. Objetos e ações são exemplos de elementos concretos, localização, distribuição e extensão são instrumentos de análise. Com isso podemos abordar o tema geográfico ou fenômeno

¹⁶ Santos, Milton. "A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção."



geográfico questionando: Qual é o objeto ou ação? O que esta se tornando o objeto ou ação? Qual sua localização, distribuição e extensão?

Mas não podemos encarar estes elementos como acabados em si mesmos ou isolados, pois são partes de um todo que se entrelaçam, se incluem e se excluem.

A abordagem usando diferentes elementos pode focar na aferição espacial ou na identificação, dar primazia a aspectos quantitativos ou qualitativos. Um objeto pode ser mais produtivo que outro, a localização de uma fábrica pode aumentar ou diminuir sua produtividade por exemplo.

A escala é também um exemplo como instrumento de análise, mas que não se restringe ao quantitativo, assim como também em relação à projeção cartográfica.

Porém os elementos em si mesmo não são nada além de abstrações, só ganham importância na sua relação com o real, no caso da geografia, depende do conteúdo do fenômeno de suas relações internas e externas, e da intencionalidade do pesquisador.

Assim é preciso ir ao conceito que fundamenta os elementos e a categorias mais essenciais do método escolhido ou sobre análise. O processo que até então consegui compreender é que partindo dos pressupostos, acertado a referência filosófica, segue para a pesquisa e posteriormente para a construção teórica que fundamenta os conceitos, saturado os conceitos de determinações e relações, podemos fazer uso deste enquanto categoria e usar estas enquanto “ferramentas” abstratas, para o estudo de qualquer objeto ou fenômeno, fornecendo base teórica para discernir entre o particular e o geral. Em se tratando da geografia seus elementos mais gerais são as relações entre a sociedade, o espaço e a Natureza.



3. Princípios lógicos da metodologia: Lógica formal e lógica dialética.

“Um homem se banha e não se banha duas vezes no mesmo rio”
(Heráclito)

A lógica é o método do próprio pensamento em ordenar as ideias, em organizá-las, para que possam adquirir coerência e coesão, para analisarmos devemos conhecer os princípios que referenciam esta atitude do pensamento, e também conhecer o próprio pensamento.

Pensar é um exercício de abstrair qualquer objeto ou fenômeno, abstrair é retirar este objeto de onde está de maneira representativa, é representá-lo mentalmente.

Em sua concretude o pensamento parte de um ser existente, e o abstrai na forma de pensamento, esta abstração pode ser fixada na mente por uma imagem ou por um símbolo, e talvez, a partir desta fixação partir para novas abstrações, decompondo ou associando à abstração inicial em novas partes (abstrações). Ou seja, se opera uma ação de análise, separando as partes do todo, observando as características de cada uma em si e em relação ao outros e ao todo, o entendimento, que é a revelação teórica do objeto. Já a síntese une as partes levando à compreensão do conjunto, da totalidade.

Toda esta atitude mental se realiza por meio da lógica, ou ainda, de uma lógica. Nesta parte do trabalho vou concentrar o exposto em apenas duas, que em função de nossas muitas limitações, compreendo se tratarem das fundamentais em seus aspectos mais básicos, sendo a primeira, conhecida como lógica formal ou lógica das formas e a segunda, a lógica dialética ou lógica dos conteúdos. A lógica formal é de conhecimento geral, ainda que indiretamente¹⁷, se caracteriza por mais fácil compreensão, como princípio da atividade mental, que acompanha o desenvolvimento da cognição humana.

¹⁷ A grande maioria a usa, muitos sem nem pensar a respeito.



3.1 Princípios da Lógica Formal:

Nesta atitude mental se procura esvaziar o conteúdo, para se chegar à forma mais pura, sem perturbações, no perfeito do ser, na expressão a mais idêntica e autêntica, destituído de qualquer contradição ou desvio. Por isto, o primeiro passo é a separação entre os seres idênticos e os diferentes, ou seja, o pensamento que identifica diferenças e igualdades.

a) O princípio da identidade.

O princípio da identidade como o nome já evidencia é a percepção da igualdade entre os objetos. Um objeto pode ser idêntico a outro de forma absoluta, tendo, por exemplo, na expressão $A = A$, sua mais idêntica expressão, pois ao extrapolarmos a expressão para $A = B$, já inserimos um conteúdo B, que funciona como perturbação de A, pois se $C \neq A$, e $C = B$, A é também C, temos então uma primeira contradição na lógica formal. Pois o segundo princípio da lógica formal se trata justamente da não contradição.

b) A não contradição.

Uma definição ou uma expressão não pode contradizer a outra, ou C é diferente de A ou é igual, ou abstraímos um ser humano ou um cachorro, ou existe ou não existe, a coerência precisa ser mantida ao agruparmos a sentença, pra obter a coesão, não admitindo um aspecto intermediário. Se o dia está chovendo, não está ensolarado. Uma frase não pode negar a outra.

c) O terceiro excluído.

Este princípio é derivado do princípio da não contradição, em que não pode haver uma terceira opção entre ser e não ser, não admite uma situação intermediária. Mas há situações em que esta regra se complica, vejamos, se substituímos A por humano, B por mamífero e C por Cão, humano e cão são mamíferos, mas não são iguais, são e não são iguais. Esta última definição fere



o terceiro princípio da lógica formal, o terceiro excluído. Não pode haver um terceiro elemento entre existir e não existir, ser e não ser.

3.2 Princípios da lógica Dialética:

A lógica dialética também pode ser conhecida como lógica dos conteúdos, e podemos deduzi-la a partir da lógica formal, mas também podemos constatá-la na própria realidade, pois não há nada completamente vazio, não a nada que não carregue um conteúdo.

Início esta exposição a partir das contradições da lógica formal, começo pelo primeiro princípio, o princípio da identidade, este para manter sua coerência precisa esvaziar-se de qualquer conteúdo, como na expressão tautológica $A = A$, são dois lados exatamente iguais, simétrico, fixo, mas quando trago qualquer conteúdo para a expressão, como por exemplo, $A = B$, já não posso falar em simetria, pois a expressão afirma que uma coisa é outra, no caso B conteúdo de A, e assim ao trazer novos elementos para a relação, por exemplo, se $B = C$, mas $C \neq A$, tenho uma contradição mais evidente, mesmo no primeiro caso $A = B$ o princípio da igualdade já esta abalado, fica ainda mais quando na derivação da equação, se $A = B$ e $B = C$, logo $C = A$, e assim C se torna indefinido, e abre a possibilidade de um terceiro elemento indefinido, e com isto coloco em contradição o segundo e o terceiro princípio da lógica formal (não contradição e terceiro excluído).

Vamos a um exemplo mais concreto, a árvore é verde, a tinta é verde, logo tinta é árvore, sei que tinta não é árvore, mas também sei que compartilham algo em comum, o fato de serem verde, de expressarem a mesma cor, como resolver então? Através do sentido de tempo, o verde *está* na árvore e *está* na tinta, o que foi que fiz? Inseri a ideia de tempo, de movimento, de mudança, trouxe a lógica mais próxima do concreto, e assim se pode aceitar a ideia de ser e não ser ao mesmo tempo. Porque encontro uma união de contrários, unidos em sua luta interna, em seu movimento.

No pensamento, é o movimento da abstração ao concreto, ainda que tenhamos a impressão do contrário, o pensamento se inicia por uma abstração, posteriormente no esforço dialético levamos esta abstração ao concreto, curiosamente este movimento do pensamento coincide com a realidade, com a



matéria, vou tentar encontrar na geográfica alguns exemplos; território e região, é sempre possível definir regiões dentro do território, posso afirmar que a região é o conteúdo do território, mas posso cair em erro de superficialidade e se perder em abstrações, pois um espaço pode ser teoricamente dividido infinitamente, e nem por isto chego ao seu conteúdo. Assim aplicando este método de simples divisão do território não chego a compreendê-lo, é necessário ir ao fenômeno em si, ao território em questão, porém se me concentro apenas na categoria de território, sem a ideia de espaço, este se torna pura abstração, um território sem conteúdo não existe, mas existe enquanto ideia ou categoria.

No exemplo acima desenvolvo brevemente uma relação de forma e conteúdo, e desta relação podemos aprofundar um pouco mais na lógica das contradições, pois na luta entre os contrários, do movimento entre eles, em determinados momentos um elemento contrário adquire aspecto do outro, se torna o outro, até porque o outro sempre carrega em si uma parcela do seu contrário, há uma interpenetração de ambos. O conteúdo determina a forma, mas a forma condiciona o conteúdo, determina sua expressão, as possíveis e constantes mudanças de conteúdo afetam a forma, a forma luta para conter o conteúdo em sua mudança, em algum momento o conteúdo vai sofrer uma intensa alteração, quantitativa mudança, que acarretará em mudança qualitativa, e a depender desta qualidade teremos um choque que quebra, que altera a forma antiga para uma nova e um ciclo infinito se instala. Aprofundando ainda mais veremos que este ciclo é apenas aparente, que se trata de uma aparência de retorno, mas na realidade é um novo patamar, este novo ciclo carrega características da primeira forma e da segunda, assim como o conteúdo do primeiro e do último, afirmando dois conteúdos contrários e também negando ambos, se trata então da *dupla negação* ou da superação que tem na imagem da espiral sua melhor expressão.

O movimento deste processo é dependente dos conflitos dos conteúdos do fenômeno e as diferença quantitativas e qualitativas que afetam em tempos variados este processo, com isto mudanças aparentemente insignificantes levam no tempo a novas situações, e em determinados momentos podem acelerar ou retardar possíveis desfechos, produzindo o que denominamos de



descontinuidades, saltos, movimentos não lineares, como o deslizar de parte do solo em uma encosta.

Estas possibilidades de resultados vão sendo constituídas em meio ao processo, o germe de uma nova fase vai sendo gestada, são contradições que já apontam para algumas saídas, estas contradições ao amadurecerem, se desenvolverem, levam o fenômeno mais perto de uma transformação, não há uma certeza no desfecho, há sim um indicativo, uma tendência, tende para esta resolução, mas geralmente também se abre caminho para uma solução oposta.

Mas qual a tendência? Como assim não a exatidão? A realidade não é traduzível em número? Os números não são exatos? E contra eles não há argumentos?

A realidade não é simplesmente uma relação quantitativa em que se possa reduzi-la a uma equação matemática, esta atitude inclusive evidência uma perspectiva da lógica formal. Formalmente A é igual a A , mas ao colocarmos conteúdo... voltamos ao nosso início, não mais da forma como saímos, agora mais acrescido de pensamentos, porém ainda é uma abordagem sobre o mesmo assunto, e mais que isto, o mesmo fenômeno. Para conhecê-lo, em fim, tem que se ir à coisa em si, ao seu conteúdo, e se atentar para que esta análise não se perder de sua *totalidade*, pois se trata do desenvolvimento do fenômeno como um todo e é deste processo que chegaremos a suas tendências, da organicidade dos elementos, de sua interação e consequências sobre o todo, da descoberta deste aspecto que encontraremos o devir.

Com o intuito de produzir uma síntese para auxílio na continuidade deste estudo, sem com isto aprofundar o tema, apresento um resumo das leis dialéticas baseado no estudo de Lefebvre, Engels e Lenin sobre o tema:

- a) União dos contrários em movimento, que se tornam o outro, se interpenetram ou se expressam em seu contrário, numa constata afirmação e negação de ambos, que leva há uma dupla negação.
- b) Transformação da quantidade em qualidade que podem ou não provocar descontinuidades ou saltos.
- c) O movimento em totalidade do fenômeno ou coisa, que pela análise do conteúdo em sua interação com o todo, traz em si o devir.



4. O método geográfico.

4.1 Considerações sobre o método geográfico.

Compreendido os pressupostos mais gerais comuns a toda ciência e os aspectos específicos que constituem a base conceitual da geografia, passo ao estudo do método geográfico.

Apesar de haver diferentes métodos há elementos em comuns entre eles, como nos confirma Sposito: “podemos concluir que o método, seja ele hipotético-dedutivo, fenomenológico ou dialético, contém suas leis, sua base ideológica, suas categorias para a elaboração dos vários conceitos e teorias que nos permitirão realizar nossa leitura científica do mundo.” (Sposito, 65:2004).

Entre estes elementos vamos destacar de maneira breve os aspectos de *conceito*, através do estudo da obra “Geografia e Filosofia” do mesmo autor acima citado, que apresenta inicialmente os atributos extensão e compreensão, o primeiro se refere ao “*conjunto dos elementos particulares dos seres aos quais se estendem esse conceito*” e o segundo o “*conjunto de caracteres que formam sua definição*”, este dois aspectos se interagem na formação do conceito numa relação inversa de escala “quanto maior a compressão, mais vaga a extensão, e quanto mais precisa a extensão, mais vaga a compressão” (Sposito, 60:2004), este mesmo autor ressalta a importância da história da formação do próprio conceito, afinal “Os conceitos são superados ou modificados por causa das mudanças que ocorrem constantemente na forma de pensar da sociedade, por várias razões: desenvolvimento tecnológico, aculturação, conflitos de interesse, novos conhecimentos elaborados etc.” (Sposito, 60:2004). São, portanto, produto da construção científica, ferramentas abstratas para compreensão dos fenômenos, utilizado para a análise e para a síntese, “*parte da elaboração teórica do conhecimento científico em ciências sociais*” (Sposito, 61:2004).

A escolha do método altera os elementos, conceitos e categorias que são usados nesta leitura científica, apesar de se tratarem, em alguns casos, dos mesmos elementos, porém no campo teórico, deixam de serem os



mesmos elementos em função do método, são caracterizados, definidos, selecionados e possuem princípios diferentes.

Através da observação das diferentes perspectivas filosóficas é possível perceber o quanto o método pode ser afetado. Sposito propõe através de um quadro resumido, os diferentes pressupostos das pesquisas geográficas, o mesmo esclarece que este é bastante limitado e como uma proposta de um panorama didático.

Vejam os:

Pesquisas analíticas	Pesquisas crítico-dialéticas	Pesquisas fenomenológico-hermenêutica
<p>Gnosiológicos</p> <p>Objetividade – processo cognitivo centralizado no objeto (dedução)</p> <p>Existência de dado imediato despido de conotações subjetivas, analisando segundo as leis do raciocínio lógico dedutivo.</p> <p>A história como categoria – preocupação sincrônica</p> <p>Ontológicos</p> <p>Concepção de realidade (homem, sujeito, objeto, ciência, construção lógica)</p>	<p>Concreticidade – processo cognitivo centrado na relação dinâmica sujeito-objeto (dialética)</p> <p>Construção de síntese sujeito-objeto que acontece no ato de conhecer. Concreto como ponto de chegada, de um processo que tem origem empírico-objetivo, passa pelo abstrato, de características subjetivas e forma de síntese.</p> <p>A história como categoria – preocupação diacrônica</p> <p>Concepção de realidade (homem, sujeito, objeto, ciência, construção lógica)</p>	<p>Racionalidade – processo cognitivo centrado na racionalidade do sujeito (dialética ou indução)</p> <p>Construção da ideia na síntese sujeito-objeto que acontece no ato de reflexão. Racional como ponto de partida e de chegada, de um processo que tem como origem lógico-subjetiva de enfoque totalizante.</p> <p>Historicidade ausente – preocupação exacrônica</p> <p>Concepção de realidade (homem, sujeito, objeto, ciência, construção lógica)</p>



– visão fixista, funcional e pré-definida da realidade (recurso ou <i>input</i> e produto ou <i>output</i>).	– visão dinâmica e conflitiva da realidade (categorias materialista de conflitos e de movimento; ser social).	– visão dinâmica, racional e de interação de todos os elementos da realidade (categorias racionais de conflito e complementaridade).
A natureza como algo separado do homem e com estatuto próprio; o homem como entidade autônoma.	A natureza e a sociedade como partes de um mesmo movimento; o Homem compreendido como sociedade.	A natureza como concepção e ideia, apreendida no processo de conhecer, o Homem como natureza pensante.

(Sposito, 54:2004)

Ha também variações mesmo para autores referenciados por perspectivas próximas. Contudo procuro buscar algumas linhas gerais.

O método geográfico é caracterizado inicialmente por uma atitude de estudo, que após a definição de um fenômeno como objeto de análise, se realiza um enfoque em seus atributos espaciais que vão indicar os meios adequados para se obter as informações necessárias.

No primeiro contato se observa aspectos móveis e fixos, que podem proporcionar a compreensão do funcionamento deste espaço, mas não basta a descrição para atingir a explicação, mesmo o observador mais atento pode ficar nas aparências, é necessário ir além, e isto faz com que o pesquisador use de conceitos e categorias já conhecidas para entender as causas, identificar fenômenos e quando possível dimensionar, medir ou apresentar um elemento significativo para confirmar as hipóteses posteriormente levantadas.

A etapa da pesquisa que revela aspectos abstratos e gerais, o instrumental teórico não exclui a geografia, contrariando assim às ideias de George em sua abordagem sobre método:

“A pesquisa geográfica recorre à sucessiva ou simultaneamente aos métodos de cada uma das ciências que se vale para chegar ao conhecimento analítico dos dados incluídos nas combinações que constituem o objeto e seus estudos fragmentários ou globais” (George, 8-9:1986) e assim ao geógrafo cabe,” O problema



essencial reside na coleta de dados e nas determinações das formas e das intensidades das relações entre os dados “(idem).

Para George a geografia em sua especificidade proporciona a visualização daquilo que foi revelado por outra ciência, no esquema do quadro abaixo podemos visualizar esta ideia sobre método:

1º Visível	2º Invisível	3º Invisível - visível
Observação - Geografia	Explicações/Causas – outras Ciências	Explicação global – Geografia

Contrariando a definição de George a geografia possui sim um instrumental próprio que são suas categorias e elementos, pode revelar o invisível, ou produzir abstrações, este interessante esquema não se aplica apenas a geografia, mas as demais as ciências e precisa ser corrigido. No caso particular da geografia o segundo quadro, em que se leem outras ciências, se deve incluir a geografia.

O próprio autor afirma, o geógrafo pratica uma “exaustividade espacial” em sua abordagem, busca esgotar a análise dos elementos que incidem sobre o espaço e a incidência do espaço sob os elementos. Aí esta a especificidade da geografia, na reflexão sobre o espaço concreto. Por isto que para este autor a geografia é uma ciência de síntese ou de relações, mas questiono: qual não seria?

Com tudo, sua abordagem revela aspectos que são para nós muito importantes, como sua consideração a respeito da cartografia; “cartografia é o instrumento utilizado para expressão dos resultados adquiridos em geografia” (pg.12), a meu ver não o único. Também é interessante sua preocupação com a ideia de espaços homogêneos, “dentro de certos riscos extrapolar e aplicar por generalizações a uma superfície mais ou menos vasta (George, 14:1986)”. Ou seja, se extrapola características a uma espacialidade, os riscos deste extrapolar é a simplificação ou eliminação da multiplicidade dos aspectos concretos, a necessidade de considerar esta multiplicidade são para mim a prova da necessidade de uma abordagem dentro de uma lógica materialista



dialética, de levar em consideração os acúmulos desiguais de tempo, os processos.

E ainda discordo do autor que ao aprofundar no real, ao deixarmos a superfície, saímos da geografia, pois tanto a mudança de escala e a descoberta de relações espaciais resultam de uma reflexão geográfica posterior que supera as aparências espaciais. Mas concordo com ele, que ao espacializar aspectos não revelados pela aparência, produzimos o resultado de um estudo geográfico, que por sua vez proporciona novas abordagens e aprofundamentos.

Também chama a atenção quando ele afirma que “o geógrafo é propenso a criticar a tendências á abstração demonstrada pelo especialista” (George, 35:1986), e como Santos parece confirma, “fatos isolados são abstrações e o que lha dá concretude é a relação que mantém entre si” (Santos, 14:1979), fortalecendo uma perspectiva de totalidade.

Mesmo assim não podemos esquecer que em relação à projeção cartográfica já se trata de uma abstração, mesmo com a advertência de George “só possuem caráter geográfico os (mapas) que exprimem relações” (George, 12:1986) os que supõem o conhecimento do espaço a partir de diversos setores de análise, afinal exprimir relações em mapa, e fixar estas relações, é usar de conceitos gerais e, portanto abstratos para com o fenômeno. Mas de abstrações ligadas ao real, assim como o termo que Lefebvre utiliza “abstrações concretas”.

O estudo geográfico deve se atentar para o conteúdo do fenômeno em questão, buscar conhecer em que processo esta inserido.

Em Milton Santos entendemos que o *conteúdo* se relaciona com a *estrutura* e a *função*, já a *forma* com a *aparência*. Vejamos como ele define estas categorias:

“Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. Função, de acordo com o dicionário Webster, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma



forma, pessoa, instituição ou coisa. Estrutura implica a inter relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. Processo pode ser definido a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança” (Santos, 50:1974).

Santos parte também do pressuposto de totalidade e explica que: “Só o uso simultâneo das quatro categorias – estrutura, processo, função e forma – nos permitirá apreender a totalidade em seu movimento, pois nenhuma dessas categorias existe separadamente” (Santos, 58:1974).

Este autor realiza um aprofundamento no movimento de conceituação das categorias que posteriormente devem ser usados na pesquisa. Apesar das muitas aproximações e contribuições deste autor com nossa investigação, acredito que este foca sua abordagem metodológica e estudo sobre determinados momentos do método relacionado ao uso de categorias mais gerais e da mediação teórica. Logo adiante (itens 4.5 e 5) procuro demonstrar isto.

4.2 O idealismo no método geográfico:

A influência do idealismo na geografia é o mesmo da ciência em geral, lembrando que este princípio compreende que são as ideias que antecedem a matéria, ou seja, a ideia de ser é anterior ao ser. Com isto em geografia a consequência é a perspectiva de que ao realizar um estudo sobre um determinado objeto geográfico se busca a ideia geradora de sua origem.

O idealismo em sua versão mais contemporânea é aplicado tanto no racionalismo quanto no empirismo, este último de grande influência na ciência e na geografia, Kant que trabalhou no sentido de síntese destas duas correntes filosóficas, um dos principais pensadores sobre a ciência geográfica em seu início como disciplina separa das demais, compreendia que as ideias podiam ser exteriores ao sujeito, mas sempre como antecedente da matéria, portanto idealista.

Ainda mais atual, o uso da ideia de sistema e modelos interpretativos podem contribuir neste sentido, estes modelos seriam o ideal frente a um real



imperfeito, quando na verdade são aproximações da realidade, esta última é constantemente mais complexa e diversa que os modelos.

Na análise sistêmica deve se ter cautela para não se perder nas abstrações, na fixação de modelos, a análise do fenômeno evidencia um sistema, mas o sistema não é a gênese do fenômeno, e sim seu produto, produto do conflito entre as forças antagônicas no interior da coisa ou do objeto.

O idealismo não impediu o desenvolvimento da geografia e a produção de conceitos e categorias úteis ao estudo geográfico, mas limitou-a e levou a interpretações distorcidas sobre a realidade.

O que pode motivar o idealismo, é que durante o processo de organização das ideias, ao estabelecer uma regra geral resultante de uma sequência de experiências em que se obtém o mesmo resultado, portanto uma generalização; é preciso abstrair, assim, só se chega a um resultado pela conceituação, pela ideia, mas a ideia é a maneira de compreender o objeto de estudo e não a origem do objeto de estudo.

Este caminho que vai das partes ao todo é o método indutivo, o contrário que vai do todo a parte é o dedutivo, estabelece uma hipótese e compara com o observado, se confirmar se estabelece uma “lei¹⁸”. Seriam os métodos indutivos e dedutivos idealistas? Estes são métodos de pesquisa, concretamente não se excluem totalmente, mas se complementam. Tanto podem servir ao idealismo como ao materialismo, pois é um pressuposto da pesquisa, se compreendemos a hipótese coincidente com a ideia de gênese do objeto se trata de uma perspectiva idealista, mas se a hipótese é proposta segundo uma experiência prática do movimento de uma coisa concreta se refere ao materialismo.

¹⁸ “Lei é a expressão de uma relação de uma relação causal de caráter necessário, que se estabelece entre dois eventos ou fenômenos” (Sposito, 59:2004)



4.3 A lógica formal no método geográfico:

A lógica formal é a dominante na geografia, mesmo que abalada pelo materialismo dialético mantém sua sustentação histórica e ideológica no pensamento geográfico.

Se analiso a geografia descritiva segundo o método “Observação - descrição - comparação – classificação” percebo que se trata da aplicação da lógica formal, é a aplicação à geografia do princípio da identidade, da não contradição e do terceiro excluído, posteriormente reunidos em conjuntos tanto os princípios desta lógica como o método descritivo, se nomeia e finalmente classifica o objeto.

A situação é a mesma na tarefa de compilação e levantamento de dados seja por seres humanos ou o por instrumentos, a geografia teórica, intensifica ainda mais este método, e facilita a construção de modelos, o sensor remoto seleciona (observa e descreve) o programa de computador processa (compara, classifica e registra), permitindo ao cientista se dedicar mais tempo em produção de modelos e de interpretação.

O grande complicador desta lógica formal é o movimento, a passagem de um estado a outro, o processo, a periodização, por isto não são poucos os geógrafos que colocam a história com disciplina indispensável do trabalho geográfico, por quê? Porque com a história se produz uma correção sobre uma perspectiva estática dos elementos transitórios inclassificáveis ou contendo ambas características que o colocam em dois conjuntos ao mesmo tempo, como por exemplo, o subúrbio, que possui características urbanas e rurais no mesmo lugar. Mas nem toda análise histórica trás consigo um complemento à geografia que supere a lógica dominante, pois, se pode tratar também de uma história descritiva, de tempos estanques, de uma transição suave sem sobressaltos, ou numa progressão linear quase perfeita.

A análise formal, assim como a geografia descritiva corre o risco de permanecer na aparência dos fenômenos, mesmo quando variando a escala de análise, seja na busca por generalizações seja na diferenciação de áreas, porque deriva sua interpretação do objeto estagnado, fixo.



4.4 A fragmentação e o ecleticismo.

A fragmentação do conhecimento e da pesquisa não é privilégio da geografia, de forma muito abreviada, esta relacionado à própria evolução da ciência, mas principalmente com a divisão social do trabalho no modo de produção capitalista, que busca a produtividade como uma das formas de manutenção e ampliação dos lucros, isto tem proporcionado uma cada vez mais intensa especialização nas áreas do conhecimento em partes isoladas dos fenômenos. Contribuem também neste processo a perspectiva pós – moderna nas ciências, que se focaliza na parte e nega a totalidade. Como consequência é fortalecida os estudos de caso, na busca da singularidade.

Já o ecleticismo é a junção de conceitos, ideias e princípios que não formam uma unidade coesa tendo como influência diferentes perspectivas, como por exemplo, reunir princípios idealistas e materialistas na mesma análise, princípios que juntos levam a incoerência, que produzem uma contradição e perda da coesão.

4.5 O materialismo histórico dialético na geografia.

Para que um método voltado à geografia tenha a qualidade de uma abordagem marxista seu desenvolvimento precisa demonstrar coerência com os princípios do materialismo e da lógica dialética, e não é suficiente para isto, anunciar tais princípios ou citar as palavras materialismo ou dialética, também é preciso estar atento para que tanto a pesquisa como a exposição mantenha unidade com estes princípios. Voltemos com a ajuda de Carone:

“Voltando á distinção entre método de pesquisa e método de exposição, ficou nos claro que sem pesquisa empírica não há exposição teórica, dado que a exposição não é e não pode ser mera construção a priori. E preciso, agora, acrescentar: a pesquisa empírica não é auto-suficiente, do ponto de vista da dialética de Marx. Os dados empíricos, por mais rigorosamente que sejam coletados, permanecem presos



às ilusões e inversões ideológicas das representações à imediatas dos objetos sociais. Eles necessitam, portanto, ser interpretados e convertidos pela mediação teórica, ou seja, os dados imediatos devem ser mediatizados pela teoria. O método de exposição ou método dialético, embora teórico e racional, não tem qualquer postulado de ordem idealista, na medida em que se tem a pesquisa empírica como exigência básica, mas tampouco advoga o princípio empirista da auto-inteligibilidade do empírico.” (Carone, 26:2007).

Assim a abordagem metodológica precisa se ater ao concreto, ao real, mas como pressuposto. Por quê? Porque como colocou o próprio Marx em suas pouquíssimas abordagens sobre o método, na conhecida obra “Para a Crítica da Economia Política” ele apresenta a seguinte definição: “O concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida também da intuição e da representação (...) o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto *não é senão a maneira de proceder do pensamento* para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Mas este não é de *modo nenhum* o processo de gênese do próprio concreto.” (Marx, 122:1974)

Portanto o pensamento vai abstrair do concreto, sem que o concreto deixe de ser concreto. Marx mais adiante no mesmo texto vai afirmar que o concreto deve ser sempre o pressuposto do método científico exato, partindo da abstração para o concreto, porque em uma análise teórica partimos com o pensamento sem esquecer que é o concreto o princípio, e chegamos ao concreto abstraído em múltiplas determinações em “*concreto pensado*”, com isto, na prática da pesquisa, partimos da abstração, e para ser mais exato da nossa abstração, mas deve ser como abstração do real que se voltará para o real.

Esta abordagem trás semelhanças com a interpretação de Fernandes sobre o método proposta por Lefebvre:

“(...) relações entre o espaço vivido, o espaço percebido e o espaço concebido que se estabelecerá através do método progressivo e regressivo. Neste sentido, (...) o método traz uma possibilidade de entendimento da realidade que leva em conta as diversas temporalidades que os processos sociais trazem em si. Entendemos que este

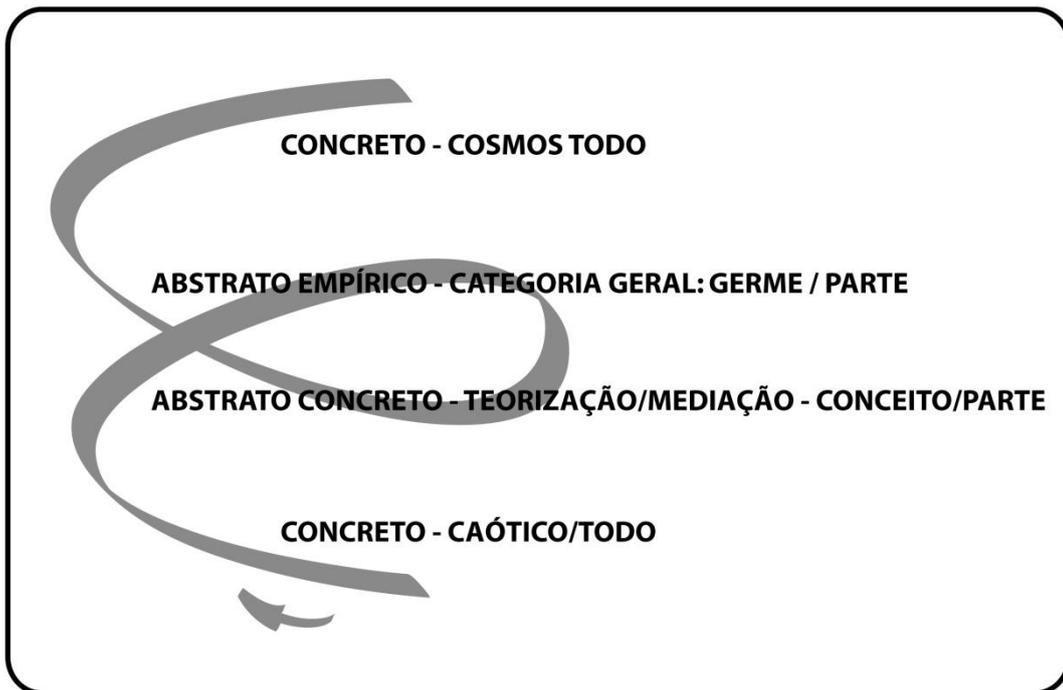


método está dividido basicamente em três momentos. O primeiro momento onde a descrição e a observação da realidade são fundamentais – este momento está associado às horizontalidades da vida social (continuidades espaço – temporais); no segundo momento o pesquisador deve começar a identificar as diferentes temporalidades que são inerentes ao seu objeto de estudo – este momento está associado às verticalidades da vida social (descontinuidades espaço – temporais); o terceiro momento, deve haver o confronto entre o percebido durante a fase de descrição e observação da realidade e o concebido teoricamente – deste terceiro momento há de surgir uma síntese que abrirá novas possibilidades para o vivido. Acabamos por entender que, metodologicamente, devemos partir do vivido. Este vivido nos proporcionara uma determinada apreensão da realidade (percebido) que deve ser confrontado com o conceitual teórico (concebido) e novamente retornado ao vivido.” (Fernandes, 53:2009)

Temos o vivido comparável ao concreto ou lembrando o estudo de Kosik, podemos entendê-lo como o pseudoconcreto e ou o momento empírico de Carone. Porém no segundo momento identifico uma especificidade útil à geografia, para uma reflexão para esta descontinuidade espacial revelada pelas diferentes temporalidades, acúmulos desiguais do tempo, que Santos denomina de “rugosidades” espaciais, este segundo momento, do método acima apresentado, é ainda um primeiro momento do estudo empírico, mas com a percepção da descontinuidade espacial já há um avanço frente à descrição do espaço como uniforme em sua extensão, há um algo a mais no espaço que necessita de um momento posterior por este método, necessita da mediação teórica, que vai ser o confronto entre o percebido e o concebido, das conclusões derivadas, se realiza um aparente retorno ao concreto, por isto regressivo, mas se trata do mesmo objeto, porém dele se tem um novo entendimento, mais completo e profundo.

Na abordagem de Fernandes consegui indicações de como fazer o uso do materialismo dialético na geografia, com tudo as considerações de Carone, melhoram e abre possibilidade de outra forma de explanar o método. Abaixo um singelo esquema¹⁹ para ajudar na proposta de método:

¹⁹ Arte gráfica - Frezi



No esquema acima se inicia a pesquisa pelo concreto caótico, tendo a totalidade como pressuposto, passo ao estudo empírico, estudos das partes, procura de um elemento geral, através do uso das categorias, passo para um terceiro momento em que se realiza a mediação teórica das partes, a conceituação e se produz as abstrações concretas, retornando aparentemente ao concreto, mas num novo patamar, como concreto compreendido, como cosmos.

Realizado tal síntese procuro aplicar os pressupostos aqui abordados à geografia, buscar no objeto geográfico sua manifestação. Em primeiro a unidade totalizante do espaço, compreendendo como síntese do diverso, depois a análise fragmenta a totalidade, que procura a conexão das partes entre si e na sua conexão com o todo, na necessidade de abordar a parte em separado, esta também será abordado enquanto uma totalidade em uma escala diferente e conseqüentemente vai apresentar também uma unidade do diverso e um movimento baseado nas contradições e interpenetrações dos elementos que a contém. Ao estudar suas partes nas relações penetramos em seu conteúdo, em seu movimento interno de contradições. Neste primeiro



momento usamos a totalidade como princípio e iniciamos a análise do conteúdo em seu movimento próprio.

E neste movimento que encontramos a estruturação da totalidade, no espaço, as relações sociais de produção que se situam e produzem o e no espaço, portanto o espaço é um produto das relações humanas entre si e com a natureza, posteriormente e ao mesmo tempo o espaço se volta ao produtor e entra como condição de produção, como determinação, como realidade, para ser usada ou superada, hora como contribuição hora como barreira, e é a espacialidade que permite uma simultaneidade e composição de uma dupla condição, a de ser produzido e ser produção, de produto e processo ao mesmo tempo.

“O espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio, ou então, como os “produtos”, não tendo outro sentido senão o de ser trocado, o de ser consumido, o de desaparecer. Enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção: organização do trabalho produtivo, transportes, fluxos de matérias-primas e de energias, redes de repartição de produtos. À sua maneira produtivo e produtor, o espaço (mal ou bem organizado) entra nas relações de produção e nas forças produtivas. Seu conceito não pode, portanto, ser isolado e permanecer estático. Ele se dialetiza: produto-produtor, ”(Lefebvre, 5:2006).

Pensem na construção de um prédio em um município, antes de sua construção, a área em que vai ser construído precisa existir, e mesmo o primeiro passo, que seja adquirir o terreno, já altera seu conteúdo na relação deste terreno com o município, e não somente, dependendo do impacto, da dimensão espacial da obra, como de sua relação com as demais áreas do entorno, se se trata do primeiro prédio do lugar ou se o centésimo, da estrutura que sua construção necessita, a função projetada e a função efetiva do imóvel, da história do lugar e da história do território, das relações que sustentam sua existência, de sua estrutura tanto física dos materiais que o compõe; aço, cimento, cerâmica, conduítes, etc, as relações sociais, os recursos financeiro, a venda de seus espaços, o pagamento da força de trabalho, as especulações, as realizações, a economia, a política e o social. Do todo à parte da parte ao todo.



Da análise deste conteúdo se revela tanto a estrutura quanto a função de determinada forma espacial. Revela uma estrutura em contradição, em movimento. Por isto o fixo não é fixo, ha mudanças nas estruturas e nas funções determinadas ao espaço constantemente, mas tanto em ritmo e espaços diferentes como simultaneamente.

Posteriormente a esta primeira análise, é possível chegar ao sujeito ou aos sujeitos, resolvido questões como: quem é ele? Quais seus interesses? Como realiza seus atos para a satisfação de suas necessidades? Sejam elas quais forem. Podemos ao fim conhecer a efetivação dos interesses no espaço, a práxis espacial resultante e suas tendências.

Deste resultado se evidencia o espaço concreto, em seu movimento, tensionado e intensificado, ou abandonado e esvaziado, os produtores do espaço como parte do espaço se voltam contra si mesmo, e inevitavelmente contra o espaço, e este contra eles, o produto se torna produtor, e o sujeito objeto, produzido pelo espaço. É nesta etapa que a teorização mediatiza o movimento de tornar-se seu contrário.

Exercitemos em outro exemplo: um trabalhador que vive da pesca em um vilarejo no litoral, ele faz a pesca, mas a pesca também o faz, e quando o mar em que ele pesca é afetado e destruído, ele é afetado e destruído, pelo menos, na melhor das hipóteses enquanto pescador, mas a humanidade vive do trabalho e se forma para o trabalho, para mudar terá que ir a uma atividade das mais simples para novamente se aprimorar em outra profissão, provavelmente dentro de um barco petroleiro, no setor de limpeza, como trabalhador terceirizado, numa empresa contratada por outra empresa. Tanto ele, como o mar, são e não são os mesmos.

No exemplo acima há uma mudança essencial, o meio de produção é expropriado do trabalhador e este se subordina há uma nova relação, e quem é a coisa que o subordina? Coisa que pode se apresentar tão natural ao sujeito que descreve como a atual realidade do ex-pescador e assim a essência se esconde no fundo do real novamente. É por isto que não basta descrever o espaço, observar o espaço, ainda que seja indispensável descrever o espaço e observá-lo, é preciso ir buscando as relações internas, amparado de categorias



que compõem o espaço e as relações sociais, e a efetivação espacial de suas forças e seus conflitos. A implicância dos conflitos de classe no espaço, e a implicância do espaço nos conflitos de classe, no exemplo a coisa são as relações capitalistas.

Nesta simulação vamos avançando, de maneira intensamente simplificada e limitada, para aspectos mais gerais e mais profundos do caso particular.

Com tudo é preciso ficar atento na análise dialética, pois um elemento pode se tornar seu contrário, pode se expressar no seu contrário, e na luta dos elementos contrários um carrega, penetra o outro em uma unidade de opostos.

Numa primeira análise observamos a aparência dos fenômenos, o que em geografia é identificado pela forma, em Santos é a revelação dos fixos e dos fluxos. Estamos ainda na aparência, não como irreal, mas como parte do real distorcido, em que a estrutura vai ser revelada através da mediação da análise e da síntese.

Em uma análise dialética os elementos vão carregar tanto aspectos visíveis e invisíveis, assim como aspectos fixos e móveis, pois a essência se revela no invisível mais frequentemente, no teórico, e mesmo os objetos fixos estão sobre transformações, assim além de definir se o objeto permanece é necessário verificar se seu conteúdo permanece, se sua função muda ou permanece.

Novamente com a ajuda da análise do método de O Capital de Carone, podemos descrever o movimento teórico realizado:

“Do ponto de vista do método, houve um movimento de regressão ao ponto de partida (mercadoria) mas, evidentemente, no ponto de chegada (mercadoria) aumentou o nível de compreensão do objeto. Isso quer dizer que não há equivalência entre o ponto de partida e o ponto de chegada, mesmo que o objeto seja único, a mercadoria. Na forma de diagrama, o percurso realizado foi o de uma espiral. As representações imediatas do objeto “mercadoria” foram mediatizadas pela teoria.”(Carone, 26:2007)



Assim partindo de um determinado espaço geográfico, levantando seus aspectos empíricos, as informações referentes ao mesmo, analisando, racionalizando, mediatizando através da teoria, usando das categorias mais gerais como instrumentos abstratos, procurando conhecer as partes constituintes deste espaço, suas relações, e finalmente expondo, conceituando e revelando uma realidade geográfica para além do imediato e da aparência, para além da forma e da descrição, atingindo a totalidade do fenômeno pela totalidade de pensamentos, não de forma caótica, mas coerente.

4.6 Considerações sobre categorias comuns à geografia.

Neste tópico procuro refletir, de modo apenas inicial e limitado, sobre algumas categorias de relevância para a geografia, todas derivadas do espaço, como o território, a paisagem, a região e o lugar, estas categorias espaciais possuem uma importante referência na escala, mas não simplesmente da escala da proporção numérica, ainda que seja passível de ser mensurável, mas das relações humanas e suas especificidades e das características da organização e produção espacial, sendo o ser humano o principal parâmetro da escala.

Descrevendo uma primeira aproximação destas categorias. Começando com a paisagem; esta que se refere ao espaço possível de ser percebido pela visão humana, mas não somente, a panorâmica, fonte produtora de maior subjetividade em função das diferentes possíveis perspectivas do sujeito para com a paisagem, sejam elas físicas, culturais ou históricas, ainda assim é passiva de análise criteriosa por meio das técnicas de localização espacial, estudo das formas, do processo de constituição e da estrutura e principalmente do conteúdo do espaço, a essência concreta da paisagem.

Já o lugar como vamos demonstrar de maneira breve, é o espaço da vivência, da percepção mais imediata humana e também da construção direta do espaço, e também o contato com o regional, com o território e com o global.

As relações humanas no espaço superam o lugar, inicialmente na história humana pela demanda de recursos das pequenas comunidades humanas, no decorrer da complexificação das relações humanas, e da atual



forma de dependência do mercado mundial, o espaço de atuação supera em muito o lugar, fazendo do lugar cada vez mais afetado e dependente de suas relações externas.

As ações que atravessam ou se originam no lugar, oriundas ou conseqüentes da concentração e da dinâmica das relações de poder, vão se estabelecer necessariamente no espaço, configurando os territórios, estas por sinal podem se apresentar no seu contrário como território de outro, mas sobre área de influência, forma amena de relatar o domínio de uma sociedade sobre outra, que na atual forma do capitalismo, denominamos de imperialismo. Assim o território é constituído pelas relações de poder sobre o espaço, explícitas ou não, diretas ou indiretas, concretas ou formais.

Por último a categoria de região, que na história do estudo geográfico ganha disciplina própria, e atualmente, assim como a própria geografia, esta vivendo grande conflito. Estes são como já afirmamos derivados das disputas científicas e filosóficas atuais. Para nós a região inicialmente é parte do espaço a ser estudado, portanto diz respeito a certa localização, mas mesmo que abordado de outra maneira, é constituído como parte. Por isto analisá-la isoladamente pode levar a um distanciamento do real.

O que produz a região é o fato da matéria possuir uma organização desigual no universo, isto esta relacionado à complexidade da realidade e a atuação de múltiplos determinantes sobre o concreto e seu aspecto espacial.

Em qualquer análise se procede a separação de um todo em partes e suas mútuas influências, com isto a região pode ser a análise do espaço.

Dentro da análise regional, ao estudar seus elementos não traz problema a tentativa de identificar um centro e uma periferia, ou vários centros e periferia, ou ainda *semi-periferias* (zona intermediária). O problema da análise regional é tentar compreender o espaço pela forma sem o conteúdo, ou apenas por si só isolada do todo, compreendendo-a como uma categoria estática, isto só ocorre enquanto uma abstração, na realidade tudo esta em mudança e conectado, e as regiões concretas estão sobre estas leis, isto não impede que a região, enquanto estudo, possa ser abstratamente separada e organizada de múltiplas maneiras que se quiser, enquanto análise regional. Já no caso de um planejamento espacial com foco regional, com o intuito de produzir uma nova região no território, este passara pela condição do trabalho



já realizado, trabalho morto²⁰, e do trabalho a ser feito, e com isto o resultado pode ser bem diverso do planejado, principalmente em função das ações sobre o território, que afeta toda a região já existente, confrontando possíveis obstáculos à efetivação do trabalho no espaço. Toda ação no espaço afeta a vida local, podendo a depender da ação, ir muito além também da região.

Portanto, no espaço concreto tais categorias são usadas para definir a escala de análise, como também para definir como e de onde extrair o conteúdo, e em que escala fica o processo e a forma visível desejável para estudo.

É preciso ressaltar mais uma vez, estas categorias não são nada sem o conteúdo e a forma espacial, sem seu processo histórico e da compreensão do funcionamento da sociedade, do movimento no espaço das relações sociais, de seus conflitos e formas de expressão.

4.7O espaço e as classes sociais:

“O espaço (social) não é uma coisa entre as coisas, um produto qualquer entre os produtos; ele engloba as coisas produzidas, ele compreende suas relações em sua coexistência e sua simultaneidade: ordem (relativa) e/ou desordem (relativa). Ele resulta de uma sequência e de um conjunto de operações, e não pode se reduzir a um simples objeto. Todavia, ele não tem nada de uma ficção, de uma irrealidade ou “idealidade” comparável àquela de um signo, de uma representação, de uma ideia, de um sonho. Efeito de ações passadas, ele permite ações, as sugere ou as proíbe. Entre tais ações, umas produzem, outras consomem, ou seja, gozam os frutos da produção. O espaço social implica múltiplos conhecimentos.” (Lefebvre, 66:2006).

Superando a ideia de espaço enquanto receptáculo e sim abordando como produção e produto social, enquanto ativo e passivo, logo, herdamos um espaço já constituído, funcionando como facilitador ou barreira aos interesses dos sujeitos. Por isto é preciso conhecer o funcionamento da sociedade em seus por menores

Também e preciso repetir que cada elemento, como as classes sociais em si mesmas possuem suas contradições, que a depender da dimensão e combinação, também sempre em sua efetivação, vão espacializar-se, o que

²⁰ Trabalho morto ou trabalho antigo, o que já foi realizado, ver em Marx, O Capital.



leva alguns críticos a acusarem os geógrafos marxistas de teorizarem, por exemplo, que toda regionalização é fruto da luta de classes, mas, se deve aceitar a crítica quando o pseudo marxista impõe o conflito de classe como toda determinação, por outro lado, não esta a análise marxista errada ao afirmar que se trata de conflito de classe, em que o conteúdo de classe se efetiva, e a qual classe se destina a análise e a efetivação espacial? Na certa em se tratando de planejamento e realização territorial, daquela que domina a produção do espaço, e que em sua relação disputa com outros sujeitos de mesma classe a possibilidade de manutenção e ampliação dos lucros na relação capitalista, ou, caso contrário é o seu fim. Pois então a regionalização pode ser fruto da vitória da disputa interna a uma classe, que na atual fase da história se trata com grande probabilidade da disputa no interior da classe burguesa, a classe dominante. Mas esta regionalização vai carregar dentro de si as contradições dos vencidos, tanto do rival capitalista como da classe trabalhadora antagônica, novos conflitos vão se gestar dentro da região, o determinante passa a ser determinado. O fato do conflito não estar visível e precisamente espacializado, localizável, não elimina sua existência, pois ele esta na essência do conteúdo espacial, porque todas as regionalizações são fruto das relações capitalista, mesmo quando a ela se opõem.

Uma das consequências sobre o espaço das contradições sociais é compreendida através do acúmulo de capital, que vai se diferenciar em seus momentos de valorização, produção e circulação, em ambos produzira no espaço a concentração de dispositivos e relações, como na ideia da cidade que implode e explode em Lefebvre, na ampliação e intensificação das relações urbanas, que são a efetivação, concentração e ampliação do capital. Resultando, atualmente do domínio das grandes corporações que aplicam no espaço seus interesses.

Assim o espaço é transformado pelas classes sociais, e seus conflitos entre si e entre as diferentes classes, mas não como único fator formador do espaço. As relações sociais no espaço, sejam elas quais forem, produzem-nos diferentes lugares, acúmulos desiguais de tempo, acúmulos desiguais de ações, é o elemento histórico, portanto particular, mas ao mesmo tempo geral, pelo histórico de todo o sistema.



E assim conceber o espaço como expressão, ocupação e produção das relações capitalistas, inclusive ideológicas, simbólicas, que acompanha as fases de mudança do sistema, em que a constante revolução tecnológica típica do capital, revolução tecnológica com conservação das relações sócias de produção, distribuição e circulação, intensificando e produzindo, a cada crise econômica, as contradições no espaço. O espaço geográfico esconde e revela estas contradições.

4.8 A aplicação do método marxista aos aspectos naturais.

A perspectiva da lógica dialética e do materialismo não somente pode, como deve ser aplicado aos estudos dos fenômenos naturais relacionados ao espaço. Até porque a abordagem marxista integra o humano, a natureza e o espaço. É preciso lembrar que Marx concebe o ser humano também como natureza, e as transformações na natureza fruto da ação humana idem, apenas separando os momentos, em que após estas transformações a concebe como uma segunda natureza.

Compreendido este pressuposto, podemos verificar nos fenômenos naturais manifestações da lógica. As pesquisas que buscam compreender os processos de formação do relevo e dos fenômenos naturais, já evidenciam aspectos da dialética que acabam não sendo utilizado pelos estudiosos. A própria utilização do conceito de sistema, já carrega a ideia de movimento e de múltiplas interações. Assim podemos compreender o modelado do relevo com a síntese da luta entre o clima e a estrutura geológica, que com a retirada da vegetação produz um salto de qualidade nos processos erosivos e climáticos, que a aparência do relevo pode esconder o processo, ou mesmo indicar outro, mas que é possível através de uma série de análise, constatar este processo real, a totalidade do fenômeno.

Pensadores como George que propõem que há uma diferenciação da geografia com as demais ciências, por se tratar de uma ciência de síntese de



outros campos da ciência, conduzem ainda mais a aproximação dos princípios do materialismo dialético. Mas qual segmento da ciência não opera uma síntese, sem apoio de outras disciplinas? Na pesquisa e mesmo na exposição, há uma ciência pura, que se utilize apenas de seus próprios métodos?

Talvez a única seja a matemática, mas se analisarmos a concreticidade da atividade matemática verá que esta depende de uma linguagem. A linguagem que traduz a matemática não é pura, carrega história e a matemática depende desta para se expressar.

5. Ensaio de uma proposta de método:

Após as considerações, proponho de forma ensaística e resumida um método para o pensamento e a pesquisa geográfica. Método este de aspecto geral com referência numa perspectiva materialista e dialética, fundamentado nas considerações anteriores.

Primeira etapa: Pressupostos

Seleção do objeto ou fenômeno geográfico, abordando este como uma totalidade e como um espaço concreto, síntese e efetivação de múltiplas forças em conflitos em uma unidade de contrários.

Seleção que leva a uma adequação da pesquisa.

Segunda etapa: Empírica/Abstrata.

Levantamento das informações gerais a respeito, seleção das diferentes e adequadas escalas, levantamento das cartografias se existente, dados estatísticos, identificação das formas, das categorias relacionáveis, excursões a campo, identificação dos elementos fixos e móveis. Busca de dados que contribuam para a análise das relações entre os elementos, portanto os aspectos históricos (processos), identificação das forças endógenas (internas – horizontais) e exógenas (externas – verticais), lembrando que os elementos externos precisam se efetivar internamente (Santos, 17: 2008). Levantamento das ações que se efetivam.

Terceira etapa: Mediação Teórica/Conceituação.



Organização teórica e descrição do processo de gênese e desenvolvimento do objeto ou fenômeno, as etapas do processo (periodização), as relações entre as partes e o todo, suas contradições explicadas, a descrição do movimento de interação entre estas partes de uma aspecto se tornar ou expressar o seu contrário. Conceituação da efetivação, seu processo e usos do espaço, as funções se revelando pelas ações. Quanto possível uma nova cartografia (localização, distribuição e extensão) das relações e aspectos revelados pela análise.

Quarta etapa: Espaço Concreto Pensado e Compreendido

Revelação da essência, do conteúdo, um possível novo aspecto do real (ou subjetivamente novo), compreensão abstrata da totalidade concreta, concreto pensado, possibilidade de uma nova categoria, a partir de um novo conceito. Distinção entre particular e geral.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Retomando a abordagem sobre a lógica dialética, é o conteúdo que determina a forma, mas não de maneira imediata e direta, mas sim de forma conflituosa, persistente, com descontinuidades, o conteúdo se comporta como uma força meandrante e melindrosa tencionando a forma, produzindo movimentos rápidos ou imperceptíveis de mudança e transformação.

Por isto o conteúdo em geografia precisa de todo o esforço teórico para ser revelado, superar a empiria, explicando e interpretando sem suprimi-la.

“espaço total, que escapa à nossa apreensão empírica e vem ao nosso espírito sobretudo como conceito, é que constitui o real, enquanto as frações do espaço, que nos parecem tanto mais concretas quanto menores, é que constituem o abstrato, na medida em que o seu valor sistêmico não está na coisa tal como a vemos, mas no seu valor relativo dentro de um sistema mais amplo” (Santos, 18:2008)

Não há neutralidade na observação e na interpretação, mas sim um esforço em conhecer a coisa em si mesma, uma busca ativa do sujeito



conhecedor em contra ponto ao objeto, objeto sempre dinâmico, em que o sujeito conhecedor busca as identidades e as transformações da identidade.

Em minha investigação neste trabalho de conclusão de curso procuro se restringir ao método. Levando em consideração que há muitos métodos de abordagem geográfica, que apesar das diferenças, possuem elementos em comum que podem ser identificados e utilizados na reflexão sobre o método em geografia, mas, o referencial filosófico altera completamente a lógica com se opera com tais elementos comuns. Há um método mais geral ligado à filosofia e um método mais específico relacionado à geografia, mas ambos estão profundamente ligados.

Alguns destes elementos e categorias aqui abordados foram retirados de autores de perspectivas diferentes, mas como explicado anteriormente, foram analisados e utilizados sobre uma mesma perspectiva, no caso do materialismo dialético, e também de acordo com minhas interpretações e parcialidade, portanto sujeito a distorções de um estudante, trabalhador e militante.

Deixamos para um segundo momento um aprofundamento e reconceitualização destas categorias e elementos da geografia usados, que ficaram sem o embasamento dos referenciais, e também sem os caminhos precisos para suas conceituações, esta deficiência só poderá ser suprida em uma pesquisa mais longa.

Sei também que deixei muitas insuficiências e discontinuidades fruto das minhas limitações individuais e acadêmicas. Não há a intenção neste trabalho de sintetizar toda ou parcial, minha experiência e aprendizado nestes anos de graduação, mas sim dialogar e quando possível, trazer junto ao tema, algumas reflexões pertinentes.

Estou ciente que busquei um caminho difícil, envolvido intensamente pelo domínio das abstrações, mas entendendo que necessário, e que todo trabalho complexo e difícil se torna ainda mais difícil se adiarmos cada vez mais o seu início, pois o movimento da realidade e suas contradições não param. Espero ter deixado claro, que este trabalho em geral é somente um dos primeiros passos.



Porém esta dificuldade ainda é pequena, comparada às necessidades históricas da classe proletária em superar o Capital, é preciso urgentemente solucionar as contradições da sociedade atual que ameaçam a humanidade em geral rumo à uma nova forma de relações sociais, espero estar contribuindo na trincheira das ideias para as ações da prática.

*“Tempos de dizer
Que não são tempos de esperar
Tempos de dizer:
Não mais em nosso nome!
Se não pode se vestir com nossos sonhos
Não fale em nosso nome.
Não mais construir casas
Para que os ricos morem.
Não mais fazer o pão
Que o explorador come.
Não mais em nosso nome!
Não mais nosso suor, o teu descanso.
Não mais nosso sangue, tua vida.
Não mais nossa miséria, tua riqueza.”*

Mauro Iasi

7. Referências bibliográficas:

CARONE, I. ; LANE, S. T. M. ; Codo, W. **A dialética marxista: uma leitura epistemológica.** In: Silvia T. Maurer Lane; Wanderley Codo. (Org.). Psicologia Social: o homem em movimento. 13 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007, v. 1, p. 20-30.

Engels, Friedrich. **A Dialética da Natureza.** 5. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1991.

_____. **A origem da família, da propriedade privada e do estado: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan / 10. ed..** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1985.

Fernandes, Felipe Moura. **Do lugar da busca, à busca de um lugar: a contribuição de Henry Lefebvre,** www.e-publicacoes.uerj.br › Capa › v. 5, n. 1 (2009)



Fischer, Ernst. **A necessidade da Arte**, 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1976.

Geoge, Pierre. **Os métodos da geografia**. São Paulo, SP: DIFEL, 1986.

Godoy, Paulo R. Teixeira. **A História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. São Paulo, SP: UNESP, 2010.

Gramsci, Antonio. **A concepção dialética da história**. 3 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978.

Harvey, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, SP: Loyola, 1993.

_____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo, SP: Annablume, c2005.

Iasi, Mauro. **Metamorfoses da Consciência de Classe**, São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. **Ensaio Sobre Consciência e Emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Lefebvre, Henri. **Lógica Formal e Lógica Dialética**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1983.

_____. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006

Lenin, Vladimir. **Materialismo e Empiriocriticismo**. Rio de Janeiro, RJ: Calvino, 1946.

_____. **Imperialismo: Estágio Superior do Capitalismo**. São Paulo, SP: Expressão popular, 2012.

Kant, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**.

<http://br.egroups.com/group/acropolis/Acrópolis>.<http://br.egroups.com/group/acropolis/2010>.

Kosik, Karel. **Dialética do Concreto**. 7. ed. São Paulo, SP : Paz e Terra, 2002.

Marx, Karl. **A ideologia Alemã**. São Paulo, SP: Boitempo, 2007.

_____.**Manuscritos Econômicos e filosóficos**. São Paulo, SP: Boitempo, 2007.

_____.**O Manifesto Comunista**. São Paulo, SP: expressão popular, 2008.



_____. **O 18 de Brumário de Luiz Bonaparte**. São Paulo, SP: Abril, 1974.

_____. **Para a crítica da Economia Política**. São Paulo, SP: Abril, 1974.

_____. **O Capital**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1996.

_____. **Salário, preço e lucro**. São Paulo, SP : Global, 1981.

Moreira, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico? : por uma epistemologia crítica**. 2. Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2011.

_____. **Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo**. Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais etc, espaço, tempo e crítica e outras coisas. v. 1, n. 1 (3), p. 55- 70, 2007.

Salvador, Diego. **A Geografia e o método dialético**, Santiago, Chile: Anais da União Geográfica Internacional, 2011.

Santos, Milton. **A Natureza do Espaço, técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, SP:Hucitec, 1997.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo, SP: EDUSP, 2008

Sposito, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2004.

Silva, Lenyra Rique. **A natureza contraditória do espaço geográfico**. São Paulo : Contexto, 1991.

Soja, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro, RJ : Jorge Zahar, 1993.

Vázquez, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Woods, Alan e Grant, Ted. **Razão e Revolução, Filosofia Marxista e Ciência Moderna**. São Paulo, SP: Luta de Classes, 2007.